



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE ARTES E COMUNICAÇÃO
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO
CURSO DE BIBLIOTECONOMIA

LILIANA AMY MURAKAMI RODRIGUES DA SILVA

**ASSOCIAÇÃO CULTURAL JAPONESA DO RECIFE: Sobre a preservação dos
registros da comunidade nipo-brasileira no Recife**

Recife

2022

LILIANA AMY MURAKAMI RODRIGUES DA SILVA

**ASSOCIAÇÃO CULTURAL JAPONESA DO RECIFE: Sobre a preservação dos
registros da comunidade nipo-brasileira no Recife**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
ao Curso de Biblioteconomia da Universidade
Federal de Pernambuco, como requisito parcial
para obtenção do título de Bacharel em
Biblioteconomia.

Orientador: Lourival Pereira Pinto

Recife

2022

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do programa de geração automática do SIB/UFPE

Silva, Liliana Amy Murakami Rodrigues da.

Associação Cultural Japonesa do Recife: sobre a preservação dos registros da comunidade nipo-brasileira no Recife / Liliana Amy Murakami Rodrigues da Silva. - Recife, 2022.

75 p. : il.

Orientador(a): Lourival Pereira Pinto

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal de Pernambuco, Centro de Artes e Comunicação, Biblioteconomia, 2022.

Inclui referências, anexos.

1. Associação Cultural Japonesa do Recife. 2. Memória coletiva. 3. Oralidade. 4. Preservação. 5. Produção cultural. I. Pinto, Lourival Pereira. (Orientação). II. Título.

020 CDD (22.ed.)



Serviço Público Federal
Universidade Federal de
Pernambuco Centro de Artes
e Comunicação
Departamento de Ciência da Informação

FOLHA DE APROVAÇÃO

ASSOCIAÇÃO CULTURAL JAPONESA DO RECIFE: SOBRE A PRESERVAÇÃO DOS REGISTROS DA COMUNIDADE NIPO- BRASILEIRA NO RECIFE

LILIANA AMY MURAKAMI RODRIGUES DA SILVA

Trabalho de Conclusão de Curso submetido à Banca Examinadora, apresentado no Curso de Biblioteconomia, do Departamento de Ciência da Informação, da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Biblioteconomia.

TCC aprovado 24 de outubro de 2022

Banca Examinadora:

Orientador(a) – **Lourival Pereira Pinto**
DCI/Universidade Federal de Pernambuco

Examinador(a) 1 - **Angelica Louise de Souza Alencar**
Universidade de Brasília

Examinador(a) 2 – **Antônio de Souza Silva Júnior**
DCI/Universidade Federal de Pernambuco



Departamento de Ciência da Informação - Centro de Artes e Comunicação - CEP 50670-901
Cidade Universitária - Recife/PE - Fone/Fax: (81) 2126-8780/ 8781 - dci@ufpe.br



AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer e dedicar este trabalho às seguintes pessoas:

Minha família, Hiroko Murakami, Toshihiro Murakami e Yoshiko Murakami. Keiko Murakami, por me apresentar o curso de Biblioteconomia.

A Associação Cultural Japonesa do Recife, que permitiu e incentivou a criação desta pesquisa. Dentre seus membros, meus profundos agradecimentos a Midori Tashiro, Eduardo Mitsuaki Nojima, Kenichi Iwata, Shoji Sakaguchi, aos integrantes do Ren Taiko Recife, e Frederico Yuji Ojima.

Piera Gade Gusmão Carrazzoni, Ricardo Mendes, Lika Hamamoto, Gabriel e Breno Laprovitera pelo fornecimento das fotografias que ilustram este trabalho.

Minhas amigas Luiza Talietta e Karen Graziele Soares, que estiveram sempre presentes e se tornaram uma presença reconfortante durante meu tempo na universidade, ainda que distantes fisicamente. Flávia Barbosa da Silva, amiga desde a época de vestibulanda e que caminha comigo, mesmo seguindo em passos diferentes.

Meus amigos de universidade Virgínia Suzana de Azevedo França, Maria Valquíria Monteiro da Cruz Jacob, Maria Falcão Soares Cunha, Vinícius Giló da Costa. Em especial a Isabela Albuquerque de Melo, que se tornou minha metade importante durante a caminhada pela graduação.

Meu orientador sempre paciente Lourival Pereira Pinto.

E todas as pessoas que virem a ter contato este trabalho no futuro para ter contato com as produções culturais de uma instituição que fez parte de minha vida desde antes do meu nascimento.

RESUMO

O Brasil abriga a maior comunidade japonesa fora do Japão atualmente. O Nordeste é a região com o menor número desses imigrantes e descendentes, e dentro dessa parcela existe a Associação Cultural Japonesa do Recife (ACJR), fundamentada pelo primeiro imigrante japonês de Pernambuco. Este trabalho tem como tema a ACJR e suas produções culturais. Diante da perda progressiva dos registros da comunidade nipo-brasileira recifense devido ao envelhecimento das primeiras gerações de imigrantes e a pouca documentação de sua história, o trabalho tem como objetivo refletir sobre a preservação da memória da ACJR através de registros orais, escritos e visuais, passando pela documentação já existente na comunidade e através de entrevistas com figuras de autoridade dentro da instituição. Para alcançar tal objetivo utiliza-se a pesquisa exploratória, com pesquisa documental, bibliográfica e de estudo de caso. Os resultados da pesquisa apontam a dispersão dos registros existentes dentro da ACJR e a escassez da documentação de uma parte inicial de sua formação, assim sendo possível concluir que as parcialidades dos registros individuais através de ferramentas atuais como as redes sociais e registros antigos como livros e coletâneas autopublicadas tendem a se completar aos poucos, ressaltando assim a importância do registro oral para vocalizar e assim continuar a desenvolver os componentes da comunidade nipo-brasileira recifense.

Palavras-chave: Associação Cultural Japonesa do Recife; ACJR; memória coletiva; oralidade; preservação; produção cultural.

ABSTRACT

Brazil has the largest Japanese community outside Japan in present days. The Northeast Region is the region with the lowest number of Japanese immigrants and descendants, and inside this small portion is the Cultural Japanese Association of Recife (ACJR), founded by the first Japanese immigrant in Pernambuco. This essay has as the theme the ACJR and their cultural productions. Against the progressive loss of the Japanese-Brazilian community's records because of the aging of the first generations of immigrants and the scarce documentation of its history, this essay has as an objective reflect on the preservation of ACJR's memory by oral, written and visual records, passing by the documentation that the institution already has and by authority figures inside the institution. To reach this objective, exploratory research is used with documentary and bibliographic research and a case study. The results point a dispersion of the existing records inside the ACJR and the lack of documentation of its early stages of formation, leading to the conclusion that the partiality of individual records by modern tools like social network and old records like self-published books and anthologies tend to complete each other little by little, highlighting the importance of the oral registrations to vocalize and continue to develop the components of the Japanese-Brazilian community in Recife.

Keywords: Cultural Japanese Association of Recife; ACJR; collective memory; orality; preservation; cultural production.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 01 –	Galeria dos presidentes da ACJR	19
Figura 02 –	Placa da Casa de Estudante Chiyo Yamamoto	20
Figura 03 –	Monumento em homenagem à construção da sede da ACJR	20
Figura 04 –	Inscrição no monumento em homenagem à construção da sede da ACJR	21
Figura 05 –	Placa no pilar central da sede da ACJR	21
Figura 06 –	Certificado de Comenda	22
Figura 07 –	Festa do Akebonokai	30
Figura 08 –	Pôster do Bon Odori de 2019	31
Figura 09 –	Dança tradicional no palco do Bon Odori	32
Figura 10 –	Anúncio do Bounenkai de 2020	32
Figura 11 –	Placa de entrada da ELJR	33
Figura 12 –	Logo e contatos da ELJR	34
Figura 13 –	Placa da colaboração entre a ACJR e a JICA	34
Figura 14 –	Pôsteres da Feira Japonesa do Recife	35
Figura 15 –	Palco da Feira Japonesa de 2003	36
Figura 16 –	Pôster do Festival de Yakissoba e Karê de 2022	38
Figura 17 –	Yakissoba do festival	39
Figura 18 –	Distribuição de karê	39
Figura 19 –	Partida de gateball na sede da ACJR	40
Figura 20 –	Campo de gateball da ACJR	40
Figura 21 –	Troféus do gateball pela ACJR	41
Figura 22 –	Pôster <i>online</i> de workshop de ikebana	41
Figura 23 –	Exposição do ikebana no Bon Odori de 2022	42
Figura 24 –	Pôster <i>online</i> de workshop de origami	43
Figura 25 –	Exposição de origami no Bon Odori de 2022	43
Figura 26 –	Origami de <i>tsuru</i> postado pela iniciativa durante o Covid-19	44
Figura 27 –	Logo do Ren Taiko Recife	44
Figura 28 –	Primeira apresentação do Gakudan Ren Recife Wadaiko em Bonito-PE	45

Figura 29 –	Apresentação do Gakudan Ren Recife Wadaiko no Aeroporto Internacional dos Guararapes	45
Figura 30 –	Apresentação do Ren Taiko Recife no Bon Odori de 2022	46
Figura 31 –	Sala do Ren Taiko Recife na sede da ACJR	46
Figura 32 –	Pôster do São João da ACJR	47
Figura 33 –	Apresentação do Ren Taiko Recife no São João da ACJR	47
Figura 34 –	Reunião do Seinenkai	48
Figura 35 –	Foto em grupo no Seinenkai no Tsudoi	49
Figura 36 –	Seinenkai dançando Soran na Feira Japonesa de 2007	50
Figura 37 –	Pôster <i>online</i> de workshop de temari	50
Figura 38 –	Sala de temari na sede da ACJR	51
Figura 39 –	Exibição do temari no Bon Odori de 2022	51
Figura 40 –	Pôster do Undoukai 2020	52
Figura 41 –	Radio Taisô	53
Figura 42 –	Programação em português do Undoukai de 2017	54
Figura 43 –	Undoukai realizado no Caxangá Golf & Country Club	54
Figura 44 –	Undoukai realizado na sede da ACJR	55

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ACJR	Associação Cultural Japonesa do Recife
ELJR	Escola de Língua Japonesa do Recife
JICA	Japan International Cooperation Agency
LIKA	Laboratório de Imunopatologia Keizo Asami

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	13
2	A IMIGRAÇÃO JAPONESA NO BRASIL	15
2.1	Imigração no Brasil	15
2.2	Imigração em Pernambuco	16
3	FORMAÇÃO DA ACJR	19
4	ACJR E MEMÓRIA COLETIVA	23
5	ACJR E A HISTÓRIA ORAL	25
6	PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	28
6.1	Quanto à abordagem	28
6.2	Quanto à natureza	28
6.3	Quanto aos objetivos	28
6.4	Quanto aos procedimentos	28
7	RESULTADOS	30
7.1	Akebonokai	30
7.2	Bon Odori	31
7.3	Bounenkai	32
7.4	Escola de Língua Japonesa do Recife (ELJR)	33
7.5	Feira Japonesa do Recife	35
7.6	Festival de Yakissoba e Karê	38
7.7	Gateball	39
7.8	Ikebana	41
7.9	Origami	42
7.10	Ren Taiko Recife	44
7.11	São João	47
7.12	Seinenkai	48
7.13	Shin'nenkai	49
7.14	Soran	49
7.15	Temari	50
7.16	Undoukai	52
8	CONSIDERAÇÕES FINAIS	57
	REFERÊNCIAS	60

1. INTRODUÇÃO

Com uma história de mais de cem anos de imigração japonesa, e uma população de cerca de 30 mil nipo-brasileiros no estado de Pernambuco, o Recife abriga não apenas o Consulado Geral do Japão para o Nordeste, mas também uma sede cultural estabelecida pelos japoneses da comunidade, a Associação Cultural Japonesa do Recife (ACJR). Sendo um dos pontos de eventos e atividades culturais nipônicas, a sede da ACJR armazena uma rica história dentro de seu espaço, de registros fotográficos e obras artísticas a conhecimentos passados oralmente pelas gerações.

Entretanto, ocorre atualmente uma perda progressiva de fontes que documentam os aspectos da comunidade na capital pernambucana, tanto pelo avanço da idade dos associados que tiveram participação na criação da ACJR quanto pela deterioração dos poucos documentos já existentes pela ação do tempo. Também entra como fator a perda de informações pela dificuldade de acesso a tais fontes escritas por elas se encontrarem documentadas em japonês, como os diários do primeiro presidente da associação, Katsuzo Yamamoto.

Então, vem-se a necessidade de renovar os registros, tanto para adaptá-los aos meios de armazenamento contemporâneos quanto para atualizar as informações contidas de acordo com o desenvolvimento da comunidade nipo-brasileira em torno da ACJR. Assim, espera-se impedir que haja o desaparecimento de expressões culturais que vieram se mesclando ao contexto e povo pernambucano.

Então, as nossas perguntas de pesquisa são: Qual a importância de se registrar a história de uma comunidade pelo ponto de vista de seus membros mais velhos? O que se deve registrar? Para quem se registra? Por que se deve registrar?

Tendo convivido dentro do espaço da ACJR durante a maior parte da vida, algo que tem se destacado nos últimos anos é a perda progressiva de certas expressões culturais dentro da comunidade.

Um dos exemplos mais expressivos é a extinção do Seinenkai, um grupo composto por jovens da associação que, dentre suas atividades, performava em eventos como a Feira Japonesa do Recife com a dança tradicional de Hokkaido, Yosakoi Soran. A música, assim como a dança em grupo que a acompanha, representa a figura do pescador, cuja atividade é essencial até os tempos atuais no Japão. Hoje em dia, quase não há registros escritos sobre as atividades do Seinenkai ou seu funcionamento e membros em Recife.

A presença da comunidade nipo-brasileira em Pernambuco também trouxe benefícios para o Estado. Um dos exemplos mais expressivos é o Laboratório de Imunopatologia Keizo Asami (LIKA) da Universidade Federal de Pernambuco, inaugurado em 1986 e com diversos projetos na área da saúde.

Como alguém que almeja se tornar uma profissional da informação, essa perda progressiva dentro da própria comunidade é inestimável e inaceitável. Adicionando-se também a pouca circulação de documentos que tratam das famílias imigrantes que se agruparam para formar o grupo que se tornaria a ACJR, e o mau estado de conservação dos materiais, é possível deduzir que a perda permanente é uma questão de tempo.

Sendo assim, o objetivo principal deste trabalho de conclusão de curso é refletir sobre a preservação da memória da Associação Cultural Japonesa do Recife (ACJR) através de registros orais, escritos e visuais. E os objetivos específicos são os seguintes:

- Identificar a história da criação da ACJR através de documentos escritos e relatos orais;
- Destacar aspectos culturais da comunidade japonesa e a formação de sua identidade ao desenvolver-se mesclada no ambiente e cultura pernambucanos;
- Discutir sobre modelos de registro de preservação da história e memória da comunidade, tanto por meio analógico como digital.

2. A IMIGRAÇÃO JAPONESA NO BRASIL

Nesta seção, será apresentada a história da imigração japonesa no Brasil, de uma escala nacional até o estado de Pernambuco, onde se estabeleceu a sede da associação tratada nesta pesquisa.

2.1 Imigração no Brasil

O processo da imigração de japoneses no Brasil não se iniciou de repente com a aprovação de uma lei. Ele foi ocorrendo aos poucos, conforme os países estabeleciam relações.

Diz-se que os primeiros japoneses a pisar em solo brasileiros foram quatro náufragos resgatados por um navio russo que, não podendo desviar de sua rota, levou-os consigo. Eles desembarcaram em Florianópolis, Santa Catarina, em 1803.

A partir de então, há registros de contatos de navios e tripulantes em ambos os países. Em 1867, o navio Kaiyomaru (開陽丸), do *shogunato* Tokugawa (徳川幕府), atracou no porto de Rio de Janeiro durante onze dias. O navio brasileiro de guerra Almirante Barroso chegou no porto de Yokohama em 1889, trazendo na viagem de volta o diplomata Wasaburo Otake, que se tornou o primeiro japonês a residir no Brasil.

Então, em 5 de outubro de 1892, o Congresso Nacional sancionou a Lei nº97, que:

Permite livre entrada no territorio da Republica de immigrants de nacionalidade chinesa e japoneza; autorisa o governo a promover a execução do tratado de 5 de setembro de 1890 com a China; a celebrar tratado de commercio, paz e amizade com o Japão, e dá outras providencias attinentes á immigração daquellas procedencias. (BRASIL, 1892, Ementa)

Em 1894, a empresa japonesa Yoshida contatou a construtora brasileira Prado Jordão numa primeira tentativa de trazer imigrantes japoneses ao Brasil.

Em 1895, o Brasil e o Japão assinaram em Paris o Tratado de Amizade, Comércio e Navegação, e os imigrantes japoneses começaram a vinda ao Brasil em caráter experimental, em 1908, no navio Kasato Maru (笠戸丸), partido de Kobe. Essa primeira leva oficial de imigrantes trouxe ao Porto de Santos 165 famílias, totalizando 781 pessoas.

De acordo com Sakurai (2007), o Brasil foi um dos poucos países a aceitar a imigração de famílias e não apenas de homens jovens, tendo como condição ter pelo menos três pessoas aptas para o trabalho, sem excluir os membros que não preenchiam esse requerimento. A autora conclui que o equilíbrio demográfico decorrido de tais condições é o que diferencia o Brasil de outros países que receberam imigrantes japoneses e o que o levou a ter a maior colônia nipônica fora do Japão.

As viagens experimentais foram subsidiadas por fazendeiros de café, e foram uma atividade realizada para efetivar o Tratado de Amizade, Comércio e Navegação com algo do interesse entre os dois países. O Japão tinha como objetivo aliviar a carga demográfica, assim diminuindo protestos populares que demandavam melhores condições de vida e trabalho, especialmente dos camponeses longe de centros urbanos, enquanto o Brasil visava exportar café, principal produto da época, para o Japão, onde a bebida era pouco conhecida. Após estas primeiras chegadas, os imigrantes japoneses foram considerados como mão-de-obra alternativa aos italianos nas lavouras cafeeiras, e viram que a realidade nas lavouras eram muito distantes do que diziam as massivas propagandas utópicas japonesas de abundância e riquezas.

A partir dos anos 30, a produção agrícola japonesa de verduras começou a receber visibilidade. Com a produção de médias e pequenas propriedades, o monopólio cafeeiro paulista testemunhou uma ruptura em favor da policultura. Paralelamente, os japoneses passaram a ser vistos como um perigo ao Brasil, sob a assumpção de que os imigrantes trariam consigo planos para sistematizar o Brasil de forma semelhante à Coréia ou Manchúria. Tal preconceito levou à restrição da chegada de novos imigrantes sob a Constituição brasileira de 1934 (SAKURAI, 2007).

Esse fluxo de imigrantes continuou entre os anos de 1908 até 1940, e cerca de 190.000 de japoneses chegaram ao Brasil. No entanto, após o início da Guerra do Pacífico, a partir de 1941, tal fluxo foi interrompido com o fim das relações oficiais entre o Brasil e o Japão. Em 1952, houve a restauração das relações de tratados entre Tóquio e Rio de Janeiro.

Segundo Lone (2001), a maior parte dos imigrantes japoneses até os anos 1940 vieram ao Brasil como *dekassegui* (出稼ぎ), ou seja, trabalhar em outro país até acumular riquezas e então retornar ao Japão para se estabelecer em melhores condições. Portanto, as condições difíceis com que esses imigrantes se depararam ao chegar nas lavouras foi um dos fatores para a estadia em longo termo.

Conforme os imigrantes se estabeleciam no Brasil, as gerações descendentes foram sendo demarcadas tendo como ponto de partida, e o mais importante, o ancestral imigrante (*issei*). *Nissei* (日系二世) seriam os filhos, *sansei* (日系三世) os netos, e assim em diante, com a contagem sendo resetada caso algum descendente tenha filhos com alguém *issei*.

Em 18 de junho, comemora-se o Dia Nacional da Imigração Japonesa.

2.2 Imigração em Pernambuco

É possível dizer que o Nordeste abriga o menor grupo de imigrantes japoneses do Brasil. Em Pernambuco, os polos de maior concentração foram Petrolina e a Colônia de Rio Bonito, em Bonito.

Há registros da primeira chegada de imigrantes japoneses ao estado de Pernambuco desde o início do século XX. O mais emblemático da cidade do Recife é a família Gemba (玄場), que aportou na capital do estado em 1918 após sair do Peru. Como o objetivo inicial era conseguir dinheiro e retornar ao Japão, chegaram apenas Asanosuke Gemba e seu segundo filho Matsuichi. Kurematsu comenta, no livro *Pré-História da Imigração Japonesa em Pernambuco*, que não havia nenhum outro japonês nas redondezas na época, o que tornava a comunicação impossível. Pai e filho conseguiram alugar um terreno no atual bairro do Cordeiro, onde iniciaram a plantação de verduras. Após o falecimento da esposa de Asanosuke no Japão, o quarto filho Heiji também veio ao Brasil.

Em torno de 1925, Matsuichi e Heiji Gemba mudaram-se para Belém, no Pará, onde abriram uma sorveteria. Em 1931, Heiji retornou a Recife e estabeleceu a emblemática Sorveteria Gemba na capital do estado, na Praça Joaquim Nabuco. Após sofrer perseguições durante a época da Segunda Guerra Mundial devido ao Japão pertencer ao Eixo, tornando-se inimigo do Brasil, reabriu a loja na Rua Aurora no pós-Guerra, em 1946. Heiji Gemba tornou-se uma figura central dos imigrantes japoneses que começaram a chegar em Pernambuco a partir da década de 1930, e foi o primeiro presidente da Associação de Japoneses do Recife, desde que o grupo não era reconhecido como entidade.

Outra figura importante da imigração japonesa em Pernambuco é Takeo Goto, que veio ao Brasil em 1906. Ele recebeu o título de cidadão honorário do Rio de Janeiro e foi condecorado em 1966 pelo governo japonês com a Medalha da Ordem do Tesouro Sagrado, Raios de Ouro e Prata (quinta classe), concedida a oficiais como militares e funcionários públicos que se dedicaram ao cargo por determinado tempo. Ele, junto com Heiji Gemba, foi uma figura central para os imigrantes da época.

De acordo com Kurematsu, houve um aumento da chegada de japoneses ao Recife a partir de 1932, e seriam em sua maioria, imigrantes chegados dos estados do Norte do país que estavam insatisfeitos com as condições de vida daquela região.

Após a Segunda Guerra Mundial, em torno dos anos 1960, foi criado o Consulado Geral do Japão no Recife (在レシフエ日本国総領事館), cuja jurisdição atual abrange os estados de Pernambuco, Bahia, Ceará, Alagoas, Paraíba, Sergipe e Rio Grande do Norte. Apesar de ter

sido rebaixado a Escritório Consular em 2008, teve sua posição restabelecida em janeiro de 2018.

Em 1978, construiu-se a estrutura da Igreja Tenrikyo Hoyo do Nordeste no bairro do Bongi, em Recife (MELO JÚNIOR, 2019). A igreja foi fundada por Shoji Sakaguchi, que pertenceu à Associação de Japoneses do Recife, que viria a se tornar a Associação Cultural Japonesa do Recife. Antes da construção da sede da ACJR, eventos da comunidade como o São João, Tanabata e Bounenkai eram realizados no salão da igreja.

3. FORMAÇÃO DA ACJR

A Associação Cultural Japonesa do Recife (ACJR) é um grupo formado majoritariamente pelos nipo-brasileiros de Recife e seus descendentes. Com sede no bairro da Várzea, atualmente possui 96 famílias associadas. É uma associação que promove eventos e atividades culturais, como a Escola de Língua Japonesa do Recife (ELJR), um curso de língua japonesa, o Festival de Yakissoba e Karê, Bon Odori, etc.

Na época antes da Segunda Guerra Mundial, as principais famílias que compunham o grupo de imigrantes na capital de Pernambuco eram: Gemba, Sato, Shirakawa e Kurematsu.

O que reuniu esse pequeno grupo, de início, foi a primeira chegada da Esquadra de Treinamento da Força Marítima de Autodefesa do Japão (日本海上自衛隊 の 練習艦隊) no porto de Recife em 1965. Foi criada, emergencialmente, a Associação de Japoneses do Recife para realizar uma festa de boas-vindas da tripulação, tendo Heiji Gemba como líder.

Após o sucesso do recebimento da Força Marítima de Autodefesa, a associação recém-formada não teve nenhuma ação, quase sendo dispersada até quatro anos depois, quando o grupo foi reunido novamente com o mesmo objetivo. Após o segundo sucesso das boas-vindas, surgiu o desejo da comunidade reunida de perpetuar o grupo, assim criando a Associação Cultural Japonesa do Recife.

O primeiro presidente da ACJR como ela existe atualmente foi o empresário Katsuzo Yamamoto, dono da Sadokin do Nordeste, que registrou a associação em cartório em 1972. Desde então, foi sucedido por doze presidentes até a presente geração em 2022. A atual sede da associação exibe uma galeria com a foto de todos os presidentes que concluíram seus mandatos.

Figura 01 – Galeria dos presidentes da ACJR



Foto: Piera Gade Gusmão Carrazzoni, 2022

A Casa de Estudante Chiyo Yamamoto, nomeada em homenagem à esposa do benfeitor, Katsuzo Yamamoto, acolhia os estudantes intercambistas pela JICA. Com a construção da sede atual, a placa que leva seu nome foi movida para lá.

Figura 02 – Placa da Casa de Estudante Chiyo Yamamoto



Foto: o autor, 2022

Apesar de tais contribuições de Yamamoto, as ações culturais passaram a ser realizadas apenas na geração do terceiro presidente, Yoshiyuki Wakiyama. Uma das primeiras a serem realizadas pela ACJR foi o evento esportivo Undoukai. Com a falta de uma sede fixa, realizaram-se em quadras de escolas, no *campus* da Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE), e no Caxangá Golf & Country Club.

A sede atual foi estabelecida em 2005, tendo sua construção decidida por votação dos membros associados.

Figura 03 – Monumento em homenagem à construção da sede da ACJR



Foto: o autor, 2022

Figura 04 – Inscrição no monumento em homenagem à construção da sede da ACJR



Foto: o autor, 2022

No pilar central da estrutura principal da sede há uma placa com o nome dos responsáveis pela construção da estrutura e o nome do presidente da ACJR da época, Kenichi Iwata.

Figura 05 – Placa no pilar central da sede da ACJR



Foto: o autor, 2022

Em junho de 1998, aos 90 anos da Imigração Japonesa no Brasil, a ACJR recebeu um Certificado de Comenda (表彰状) do Ministro de Relações Exteriores pela contribuição da relação entre o Brasil e o Japão e os imigrantes nipônicos.

Figura 06 – Certificado de Comenda

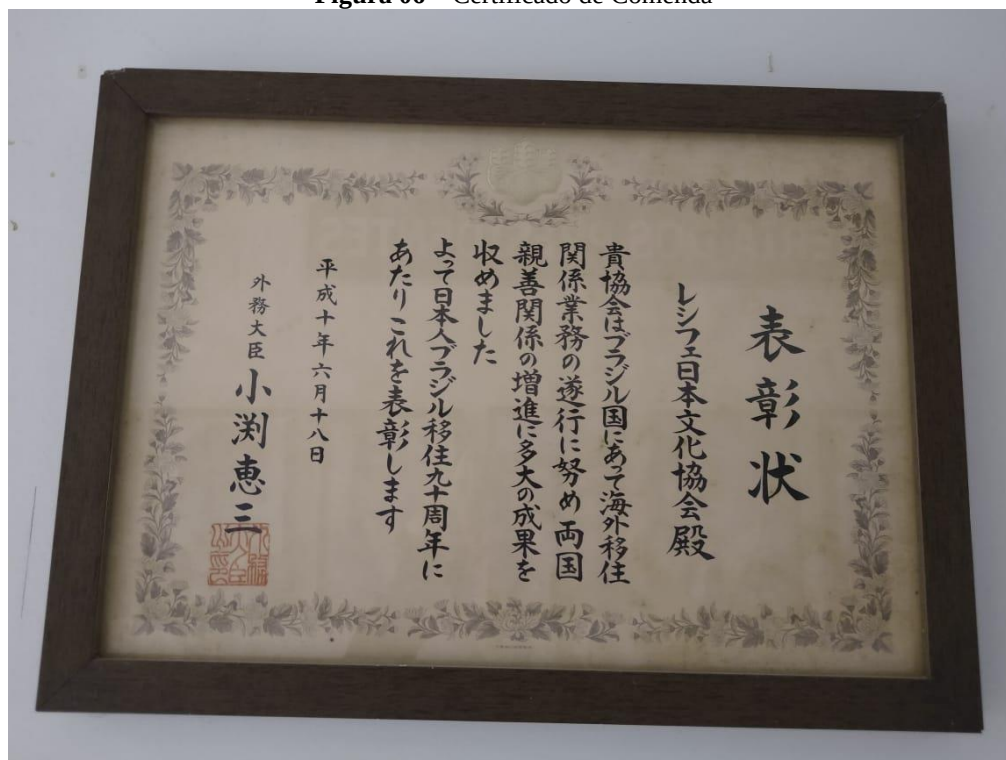


Foto: o autor, 2022

O local também funciona como salão de festas para eventos por fora da ACJR.

Nesta seção, foi apresentada a formação da ACJR, Na próxima seção, iremos relacioná-la à memória coletiva.

4. ACJR E MEMÓRIA COLETIVA

Segundo Halbwachs em *A Memória Coletiva*,

Quando a memória de uma sequência de acontecimentos não tem mais suporte de um grupo, aquele mesmo em que esteve engajada ou que dela suportou as consequências, que lhe assistiu ou dela recebeu um relato vivo dos primeiros atores e espectadores, quando ela se dispersa por entre alguns espíritos individuais, perdidos em novas sociedades para as quais esses fatos não interessam mais porque lhes são decididamente exteriores, então o único meio de salvar tais lembranças, é deixá-las por escrito em uma narrativa seguida uma vez que as palavras e os pensamentos morrem, mas os escritos permanecem (HALBWACHS; 1968, p. 80-81).

Dentro da história de 104 anos de imigração, poucos documentos ainda estão em posse da ACJR sobre o assunto. O último registro sobre a comunidade imigrante data de 2014, sob autoria de Hideo Haruta, em uma antologia autopublicada.

O registro mais antigo que a ACJR possui é o do falecido empresário Katsuzo Yamamoto, que data de 1978. Seus relatos sobre a imigração estão armazenados em vários livros. Não há como saber se todos os volumes estão em posse da ACJR ou não, considerando que não há numeração ou alguma indicação de que seja uma série de livros.

Considerando tais dados, é possível chegar à conclusão de que o pouco da história da comunidade que permanece registrada é devido a esses poucos relatos pessoais de indivíduos que viveram na época e a julgaram importante para se deixar em formato encadernado. Entretanto, destaca-se que, apesar dos registros escritos estarem em posse da ACJR, eles não alcançam o grupo predominante na comunidade nos tempos atuais, que seriam os nipo-brasileiros que não dominam ou compreendem a língua japonesa, ou que não possuem contato frequente com a associação.

Ao mesmo tempo, Halbwachs diz que “[...] a memória coletiva não se confunde com a história, [...]” (HALBWACHS, 1968), e que ambas as expressões demonstram pontos conflitantes. Com a memória sendo uma parte complexa e composta por diversos fatores, tanto físicos como emocionais, seria impossível registrá-la em sua totalidade.

A memória coletiva se distingue da história pelo menos sob dois aspectos. É uma corrente de pensamento contínuo, de uma continuidade que nada tem de artificial, já que retém do passado somente, aquilo que ainda está vivo ou capaz de viver na consciência do grupo que a mantém. Por definição, ela não ultrapassa os limites deste grupo. Quando um período deixa de interessar ao período seguinte, não é um mesmo grupo que esquece uma parte de seu passado: há, na realidade, dois grupos que a sucedem (HALBWACHS; 1968, p. 81-82).

Seria então a sucessão das tradições conforme o tempo, junto ao escanteio e esquecimento de certas expressões culturais, um fator inevitável com a chegada das futuras gerações? Se há a possibilidade de uma coexistência, estaria a resposta nos tempos passados, no início da mescla das culturas e tradições trazidas a Pernambuco pelos imigrantes?

Assim como as gerações se passam, novos pontos de vista sobre um mesmo objeto começam a surgir e, com eles, questionamentos sobre paradigmas firmados pelas gerações anteriores. Isso ocorre tanto no direcionamento das atividades da comunidade como nas interações com o ambiente e os outros indivíduos. A geração atual ativa dos membros da ACJR é, em sua maioria, descendentes de japoneses, e não mais a primeira geração imigrante. Portanto, as interações com a comunidade também se divergem.

Na ACJR, as mudanças se manifestam na inclusão de redes sociais, como *Instagram* e *Facebook*, para a promoção e difusão de elementos culturais japoneses, eventos e a atuação de indivíduos que fazem parte da comunidade. Torna-se então, uma ferramenta de registro importante, ilustrada e com maior alcance.

Entretanto, não se pode recuperar por completo as expressões culturais que se perderam com essa passagem do tempo e, portanto, torna-se essencial guardar as memórias dos membros da comunidade nos formatos possíveis.

5. ACJR E A HISTÓRIA ORAL

Com uma história com uma quantidade limitada de fontes escritas e acontecimentos documentados, um meio de reunir as informações a serem preservadas é o método oral, através de entrevistas com membros associados aos acontecimentos da comunidade da ACJR.

Vereno Alberti, no Manual de história oral,

A história oral pode ser pregada em diversas disciplinas das ciências humanas e tem relação estreita com categorias como biografia, tradição oral, memória, linguagem falada, métodos qualitativos etc. Dependendo da orientação do trabalho, pode ser definida como *método* de investigação científica, como *fonte* de pesquisa, ou ainda como *técnica* de produção e tratamento de depoimentos gravados. (ALBERTI; 2005, p. 17).

Nesta pesquisa, a história oral seria uma fonte de pesquisa para complementar as fontes escritas existentes e, idealmente, viria a formar o conjunto que conta a história acerca da ACJR através dos pontos de vista das gerações interagentes.

É importante levar em consideração que a experiência de imigrantes vindos a Recife antes da Segunda Guerra Mundial é diferente dos imigrantes da época da ditadura, do século XXI, e assim em diante, assim como a experiência da primeira geração (*issei*) não é a mesma das de seus descendentes.

Alberti destaca ainda que imprecisões, falhas e divergências narrativas fazem parte deste método e não devem ser vistos como um fator negativo. Cada narrativa carrega um ponto de vista e forma de interagir com o objeto de estudo e, portanto, as opiniões que os interagentes carregam quanto a ele é um material igualmente importante.

Adicionalmente, em relação à ACJR, cada membro da comunidade contribui a ela de formas diferentes e diverge na forma de interagir com o espaço físico e com as atividades culturais realizadas.

Tomando como exemplo uma entrevista com um dos ex-presidentes da ACJR, um material sonoro. A escolha do indivíduo deve-se ao fato dele ter testemunhado e contribuído para a criação do que viria a ser a Associação de Recife, além de ter sido um de seus presidentes. Adicionalmente, por ser um fato ocorrido nos anos 1960, há poucos registros quanto aos detalhes dos acontecimentos. Ele não conta apenas a história, pois não há um roteiro pronto para as respostas do entrevistado, mas também adiciona lembranças da época e fatos incertos, como nomes e localidades não registrados que acabaram se perdendo com o tempo.

Ainda de acordo com Alberti,

Sendo um método de pesquisa, a história oral não é um fim em si mesma, e sim um meio de conhecimento. Seu emprego só se justifica no contexto de uma investigação científica, o que pressupõe sua articulação com um *projeto de pesquisa* previamente definido. Assim, antes mesmo de se pensar em história oral, é preciso haver questões, perguntas, que justifiquem o desenvolvimento de uma investigação. (ALBERTI; 2005, p. 29).

A combinação formada pelo pouco registro e a urgência de se preservar o conhecimento sobre a comunidade, levando em conta a idade cada vez mais avançada dos membros associados, ressalta a importância de se acelerar o processo de criação de um modelo de preservação que se adapte tanto a documentos escritos quanto a relatos orais.

A idade avançada dos associados também traz a questão da passagem do conhecimento da geração prévia. Os descendentes não necessariamente possuem o mesmo interesse de seus antepassados, portanto há elementos sendo perdidos aos poucos com a passagem do tempo.

A pandemia do Covid-19 de 2020 aumentou tal problema com o fechamento das aulas de artes manuais como *temari*, *ikebana* e *origami*, além de ter dificultado a comunicação entre os membros da comunidade. A ELJR também sofreu com essa mudança, pois com a implementação do modelo de aulas *online*, os alunos pararam de ter contato direto com o espaço da ACJR.

Diante de tais fatores, é possível dizer que existem duas formas de se perder as informações sobre a comunidade: o envelhecimento das gerações imigrantes e o distanciamento das gerações posteriores de certos costumes, atividades ou da própria ACJR. O pouco conhecimento documentado de forma escrita aumenta a urgência de se reunir relatos em outros formatos, tanto como modo de preservá-los como deixá-los acessíveis para as futuras gerações.

Assim, a história oral passaria a ser um método importante de preservação, tanto por ser um meio que preserva as próprias memórias dos entrevistados e expressa suas próprias palavras como por também preservar o modo da fala. Os imigrantes japoneses não devem ser encaixados em apenas uma categoria: são imigrantes de todo o Japão, com regionalismos e trejeitos de fala de cada região de origem. Alguns dominam o português, outros têm mais dificuldade, e existem imigrantes que não compreendem a maior parte da língua. Vários membros também são brasileiros, tanto por descendência quanto por casamento, e as experiências divergentes seriam mais expressivas na fala.

Retomando à entrevista com o ex-presidente da ACJR, é possível observar também uma mistura de japonês com termos em português, como lugares e expressões. Essa mistura também se torna uma característica importante da fala dos imigrantes japoneses, resultando por vezes

em termos híbridos, como verbalizações de substantivos ou até a criação de novas palavras através do que os imigrantes compreenderam do português falado e vice-versa.

A eventual entrevista, então, teria como desejado a forma não-estruturada, com a abordagem livre sobre as experiências a serem compartilhadas (MINAYO, 1993). Eventuais perguntas irão surgindo ao longo da conversa, tendo como ponto de partida uma pergunta ou questionamento inicial como tema. Tendo como função registrar partes das vivências individuais para formar o todo, seria categorizado como uma *história de vida*. O ideal seria acompanhar os passos do entrevistado ao longo de sua vida em uma *história de vida completa*, a menos que as respostas buscadas pelo entrevistador sejam de menor porte, como um evento ou acontecimento. Este seria então uma *história de vida tópica*.

Por fim, existem diversos meios de se guardar um registro oral, tanto o audiovisual como apenas o áudio, ou até mesmo uma transcrição do áudio. Os meios de propagação também são variados, com o uso da *internet*, como em arquivos digitais como o *Google Drive* ou redes sociais como Facebook, Instagram ou You Tube.

6. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Nesta seção, serão apresentados os procedimentos metodológicos desta pesquisa.

6.1 Quanto à abordagem

Esta pesquisa se caracteriza como uma pesquisa qualitativa por focar num grupo específico, a ACJR, sem o foco em dados numéricos. Ela tenta ao máximo se limpar de parcialidades, apesar de refletir uma parcela limitada do conhecimento da pesquisadora sobre o objeto de estudo, como aponta Minayo.

Às vezes, nossos dados não são suficientes para estabelecermos conclusões e, em decorrência disso devemos retornar à fase de coleta de dados para suplementarmos as informações que nos faltam. Outras vezes, podemos nos dispor dos dados, mas o problema da pesquisa, os objetivos e as hipóteses e/ou questões não estão claramente definidas. Nesse caso, devemos redefinir esses aspectos da fase exploratória da pesquisa. Também pode acontecer que não tenhamos uma fundamentação teórica bem estruturada e, devido a isso, orna-se necessário reestudarmos os conhecimentos que embasam nossa pesquisa. (MINAYO; 1994, p. 67-68).

6.2 Quanto à natureza

Com objetivo principal desta pesquisa sendo uma reflexão da preservação da memória da comunidade, visando um uso prático dos resultados a serem obtidos, ela se caracterizaria como uma pesquisa aplicada na visão de Gerhardt e Silveira (2009).

6.3 Quanto aos objetivos

Devido aos processos como o levantamento bibliográfico e entrevistas com indivíduos que possuem familiaridade com o objeto de estudo, esta pesquisa se caracteriza como exploratória em seus objetivos, de acordo com Gil.

Estas pesquisas têm como objetivo proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a constituir hipóteses. Pode-se dizer que estas pesquisas têm como objetivo principal o aprioramento de idéias ou a descoberta de instuições. [...] Na maioria dos casos, essas pesquisas envolvem: a) levantamento bibliográfico; b) entrevistas com pessoas que tiveram experiências práticas com o problema pesquisado; e c) análise de exemplos que “estimulem a compreensão”. (GIL, 2007, p. 41).

6.4 Quanto aos procedimentos

Com o levantamento das referências teóricas presentes tanto em meio analógico como digital para a construção da base teórica, esta pesquisa pode ser categorizada como bibliográfica, como indica Gil (2007, p. 44). Adicionalmente, ainda de acordo com Gil, a consulta a materiais

como a lista de associados, panfletos de eventos, entrevistas em áudio e vídeos de apresentações culturais, faz a pesquisa se caracterizar também como documental (GIL, 2007, p. 46).

Devido ao foco em uma única instituição e seus membros, esta pesquisa é ainda um estudo de caso, com interações com as atividades e grupos constituintes através de ferramentas como observações locais e entrevistas com membros relacionados. As interações vêm sendo puxadas de forma empírica pelas vivências da autora como indivíduo, a partir de sua infância, dentro do ambiente estudado, e as observações obtiveram dados que fizeram ser possível a comparação entre as memórias individuais e a passagem real do tempo.

7 RESULTADOS

Nesta seção, serão descritos os resultados desta pesquisa no formato escrito e visual: os eventos e grupos da ACJR, com a passagem do tempo podendo ser percebida visualmente.

Outro resultado obtido é a entrevista com um dos ex-presidentes da ACJR que presenciou a criação da comunidade recifense. Tal entrevista, feita de forma não estruturada, com o formato de história de vida tópica (MINAYO, 1993), focou na criação da comunidade e em seus primeiros grupos e eventos.

Assim criou-se a contribuição para a construção da seção da formação da ACJR com as fases importantes para o desenvolvimento da comunidade desde 1965, com os nomes das primeiras famílias associadas e tentativas pioneiras de atividades, incluindo dificuldades de realizar os eventos culturais sem uma sede fixa.

O entrevistado admite que, na época, não foi possível o registro das atividades da associação, o que resultou na perda e esmaecimento de eventos como o Tanabata, um festival das estrelas realizado em 7 de julho. Também foi possível escutar os relatos e opiniões de um indivíduo presente nas mudanças da comunidade até a geração atual.

Tal material é, portanto, o primeiro passo para reunir relatos semelhantes de outros membros da comunidade, em diferentes experiências em relação à imigração ao Brasil e relacionamento com a comunidade nipo-brasileira e a pernambucana.

A seguir, os eventos e grupos em ordem alfabética:

7.1 Akebonokai

O Akebonokai (曙会), cujo nome se traduz como “Associação da Alvorada”, é um grupo composto pelos membros acima de 65 anos da ACJR. O objetivo da criação desse grupo é demonstrar respeito aos idosos da comunidade, e a primeira reunião aconteceu no formato de uma refeição na residência do Cônsul da época.

Figura 07 – Festa do Akebonokai



Foto: Ricardo Mendes

7.2 Bon Odori

O Bon Odori (盆踊り) remete ao festival japonês de verão Bon Matsuri, um evento em respeito aos ancestrais falecidos com origem na crença budista de que os espíritos retornariam às suas casas e famílias durante uma semana do ano. Tal período é chamado de O-bon (お盆), enquanto a dança performada nos festivais se chama “Bon Odori”. Na ACJR, a dança nomeou o evento.

Figura 08 – Pôster do Bon Odori de 2019



Fonte: @acjr_rec no *Instagram*, 2019

Na ACJR, o evento é realizado na sede desde a sua criação em 2005. Um palco, denominado de *yagura* (檣), é levantado ao centro de um espaço aberto, e as pessoas dançam ao redor ao som de instrumentos tradicionais como flautas e tambores. Um grupo demonstra os passos da dança formando um círculo no palco, enquanto os participantes ao redor do *yagura* vão seguindo os movimentos que quem estiver dançando à sua frente.

Figura 09 – Dança tradicional no palco do Bon Odori

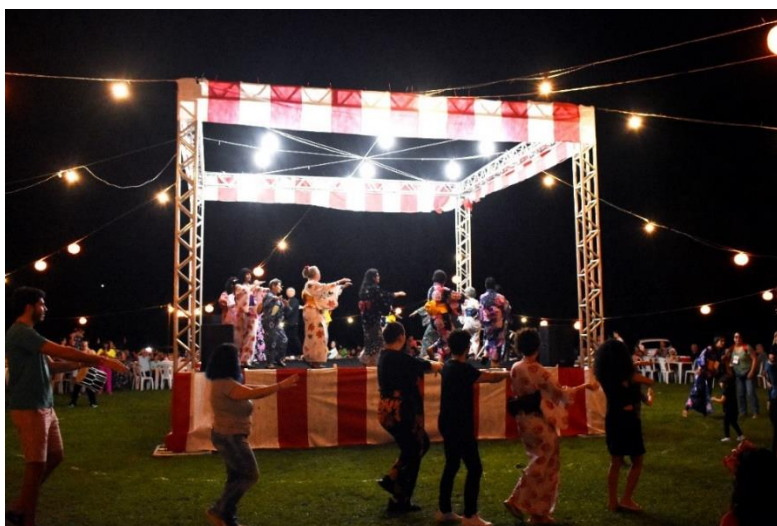


Foto: Piera Gade Gusmão Carrazzoni, 2022

As músicas às quais os participantes dançam no evento são:

- Kawachi Otoko Bushi (河内おとこ節), de Mitsuko Nakamura.
- Tankou Bushi (炭坑節), música tradicional da província de Fukuoka.
- Tokyo Ondo (東京音頭), música tradicional de Tóquio.
- Kawachi Ondo (河内音頭), música tradicional da região de Kawachi, em Osaka.
- Souma Bon Uta (相馬盆唄), música de O-Bon da província de Tokushima.

7.3 Bounenkai

Bounenkai (忘年会) é uma confraternização de fim de ano que ocorre geralmente no terceiro sábado de dezembro, na sede da ACJR.

Figura 10 – Anúncio do Bounenkai de 2020



Fonte: Boletim informativo da ACJR, 2020

7.4 Escola de Língua Japonesa do Recife (ELJR)

A Escola de Língua Japonesa do Recife (ELJR) é um curso de língua japonesa pertencente à ACJR. A escola teve início com professores voluntários da Japan International Cooperation Agency (JICA), e seus primeiros alunos eram descendentes nipo-brasileiros dos membros da ACJR. Com a construção da sede da ACJR, a escola foi movida para lá.

Até o surgimento da pandemia do Covid-19, a ELJR recebia professores voluntários da JICA, que lecionavam na escola e promoviam atividades culturais, como kendô.

Figura 11 – Placa de entrada da ELJR



Foto: o autor, 2022

Atualmente, as aulas são realizadas aos sábados, com turmas presenciais e *online* (este sendo um fruto da pandemia de Covid de 2020).

Figura 12 – Logo e contatos da ELJR



☎ (81) 98651-5039

📷 @escolajaponesrecife

📘 facebook.com/eljrofficial

Fonte: @escolajaponesrecife no *Instagram*

Em 2022, a ELJR recebeu um subsídio da JICA por meio de edital para a modernização dos equipamentos didáticos, como melhorias no espaço físico e materiais de auxílio.

Figura 13 – Placa da colaboração entre a ACJR e a JICA



Foto: o autor, 2022

7.5 Feira Japonesa do Recife

A Feira Japonesa do Recife, cujo nome em japonês é 日本市 (Nihon Ichi), é um evento anual que ocorre no último domingo de novembro. Com a primeira nomenclatura como “Nihon no Yuube” (Noite do Japão), a Feira em seu formato atual teve a primeira realização em 1997 com o tema Arte Milenar, no Clube Português. Desde então, cada ano apresenta um tema da cultura japonesa, com apresentações e estandes.

Figura 14 – Pôsteres da Feira Japonesa do Recife



Fonte: ACJR

O local mais emblemático e recorrente da realização do evento é na Rua Bom Jesus, no Recife Antigo.

Figura 15 – Palco da Feira Japonesa de 2003



Foto: Ricardo Mendes, 2003

A seguir, os temas (até a edição de 2022):

1997: Arte Milenar

1998: Torii (entrada de templos xintoístas do Japão) : 鳥居

1999: Sakê (bebida alcóolica de arroz) : 酒

2000: Daruma : だるま

2001: Maneki-neko (gato da sorte) : まねき猫

2002: Tsuru (grou) : 鶴

2003: 95 anos da imigração japonesa / Sakura (flor de cerejeira e flor nacional do Japão):桜

2004: Monte Fuji : 富士山/ 20 anos da Associação Nordestina dos Ex-bolsistas e Estagiários no Japão (ANBEJ)

2005: Samurai : 侍

2006: Kokeshi : こけし

2007: Awa Odori (dança tradicional da província de Tokushima) : 阿波踊り

2008: 50 anos da imigração em Pernambuco

2009: Mangá / Anime : 漫画アニメ

2010: Sushi : 寿司

2011: Wadaiko : 和太鼓

2012: Sumô : 相撲

2013: Bonsai : 盆栽

2014: Origami : 折り紙

2015: 120 anos da Amizade Brasil-Japão

2016: Budô (artes marciais japonesas) : 武道

2017: Kamon (emblemas de clãs) : 家紋

2018: 110 anos da Imigração / Crisântemo (flor nacional japonesa e símbolo imperial)

2019: Reiwa – Nova Era : 令和

2020: Koi (carpa) : 鯉

2021: Shichifukujin (Sete Deuses da Sorte) : 七福神

2022: Youkai (criaturas folclóricas japonesas) : 妖怪

7.6 Festival de Yakissoba e Karê

Yakissoba (焼きそば) é uma comida de origem chinesa que consiste em macarrão, legumes e carne. É popular no Japão, especialmente no verão.

Karê ou curry (カレー) é uma comida de origem indiana que utiliza o condimento curry junto com legumes, verduras e especiarias para formar um molho. No Japão, passou por diversas adaptações e é apreciado junto com o arroz.

Na ACJR, o evento acontece no último domingo de agosto. Pode-se repetir os pratos quantas vezes desejar, e tem atrações como demonstração de kendô, apresentação do Ren Taiko Recife, bingo e sorteios.

Figura 16 – Pôster do Festival de Yakissoba e Karê de 2022



Fonte: @acjr_rec no *Instagram*, 2022

O evento ocorre no saguão da sede da ACJR, com duas mesas: uma para a distribuição de yakissoba e uma para a distribuição de karê, formando assim duas filas nos cantos opostos do saguão, flanqueando as mesas dos participantes.

Figura 17 – Yakissoba do festival



Foto: Breno Laprovitera, 2022

Figura 18 – Distribuição de karê



Foto: Breno Laprovitera, 2022

7.7 Gateball

Gateball (ゲートボール), também escrito como gueitebol, é um esporte criado em 1947 na província japonesa de Hokkaido por Eiji Suzuki, que quis proporcionar uma

brincadeira acessível às crianças na época pós-Segunda Guerra Mundial. Tendo como base o croquet inglês, o jogo tem como objetivo passar a bola pelos arcos numerados 1, 2 e 3 e acertá-la no pino central da quadra.

O esporte foi introduzido no Brasil em 1979 por Matsumi Kuroki, que trouxe do Japão o regulamento editado pela Associação de Gateball da província de Miyazaki. Com os equipamentos fabricados no Brasil, teve o primeiro jogo realizado em 17 de julho de 1979.

Figura 19 – Partida de gateball na sede da ACJR



Foto: ACJR

Na ACJR, o esporte é praticado majoritariamente pelos membros idosos, com práticas aos sábados.

Figura 20 – Campo de gateball da ACJR



Foto: o autor, 2022

Os times de gateball dos membros da ACJR participaram de diversos campeonatos, tendo os prêmios vencidos decorados no saguão da sede.

Figura 21 – Troféus de gateball pela ACJR



Foto: o autor, 2022

7.8 Ikebana

Ikebana (生け花) é a arte de arranjo floral. A arte tem raízes budistas, tendo sido transmitida da China ao Japão no período clássico Heian, e o templo Rokkakudo em Kyoto é dito como o berço de seu formato atual. Documentos datados de 1542 demonstram a estruturação do ikebana como academia artística, dividindo-se em escolas e estilos, e com títulos, graus, licenças e certificados.

Figura 22 – Pôster online de workshop de ikebana



Fonte: perfil oficial da ACJR no *Facebook*, 2020

O grupo de ikebana da ACJR realizou workshops em eventos como na exposição itinerante “O Poder do Shoji Manga”, no Instituto Brennand (2020) e no Recife Geek & Matsuri (2022). Também há exposições das obras no Bon Odori e na Feira Japonesa do Recife.

Figura 23 – Exposição do ikebana no Bon Odori de 2022



Foto: Piera Gade Gusmão Carrazzoni, 2022

7.9 Origami

Origami (折り紙) é uma arte de dobra de papel japonesa. O registro mais antigo sobre dobradura de papel data de 1682, em um poema do romancista Saikaku Ihara contido no livro *Koushoku Ichidai Otoko*, apesar de origamis cerimoniais estarem presentes no Japão desde o período Muromachi (1336 – 1573), de acordo com o autor Sadatake Ise no livro *Hoketsuki* (1764).

Figura 24 – Pôster online de workshop de origami



Fonte: perfil oficial da ACJR no *Facebook*, 2020

Na ACJR, há um grupo de origami que produz obras que são exibidas em eventos como o Bon Odori e a Feira Japonesa do Recife. Também são realizados workshops, como na exposição itinerante “O Poder do Shojo Manga”, no Instituto Brennand (2020) e no Recife Geek & Matsuri (2022).

Figura 25 – Exibição de origami no Bon Odori de 2022



Foto: Piera Gade Gusmão Carrazzoni, 2022

Durante a pandemia do Covid-19, houve uma iniciativa *online* para a comunidade dobrar mil grous de origami e formar algo conhecido como *Senba-zuru*, que dobrados em nome de pessoas doentes, deseja a recuperação da doença.

Figura 26 – Origami de *tsuru* postado pela iniciativa durante o Covid-19



Foto: Hiroko Murakami, 2020

7.10 Ren Taiko Recife

Ren Taiko Recife (レシフェ連太鼓) é um grupo que performa com o *taiko* (tambor japonês). A ideia para a criação do grupo surgiu em 2007, a partir do ex-integrante de um grupo de *taiko* paulista Frederico Yuji Ojima.

Figura 27 – Logo do Ren Taiko Recife



Fonte: perfil oficial do Ren Taiko Recife no *Facebook*

Em 2008, foi lançado o grupo com o nome Gakudan Ren Recife Wadaiko, com sua primeira apresentação em Bonito, em um evento de comemoração dos 100 anos da Imigração Japonesa no Brasil. A flor de lótus foi escolhida devido à sua importância para os japoneses e por representar o etéreo. Atualmente, o nome foi simplificado para Ren Taiko Recife.

Figura 28 – Primeira apresentação do Gakudan Ren Recife Wadaiko em Bonito-PE



Foto: Frederico Yuji Ojima, 2008

Na época das primeiras apresentações, o grupo possuía apenas dois *taiko*. Os outros membros tocavam batendo o *bachi* (baqueta do *taiko*) em pedaços de bambu secos.

Figura 29 – Apresentação do Gakudan Ren Recife Wadaiko no Aeroporto Internacional dos Guararapes

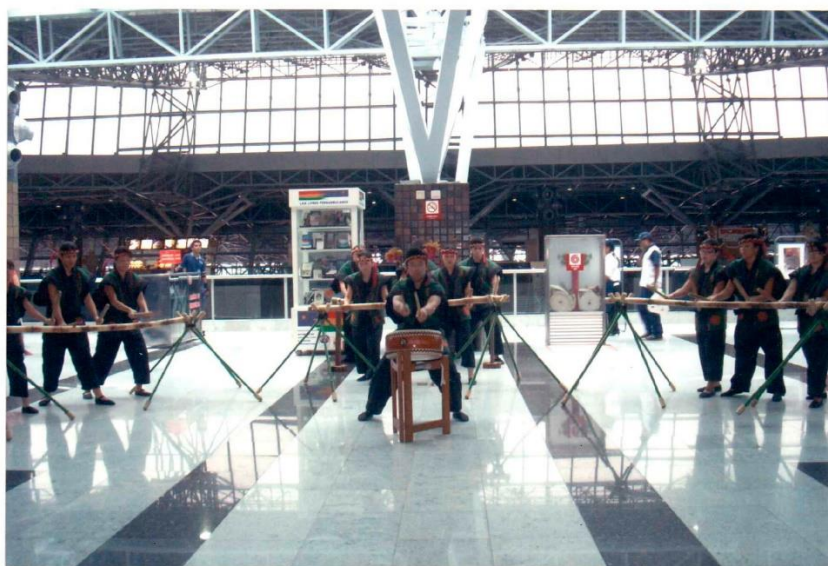


Foto: Hiroko Murakami, 2008

Atualmente, o grupo treina aos sábados na sede da ACJR, e performa principalmente em eventos como o Festival de Yakissoba e Karê, São João, Bon Odori, Feira Japonesa e Bounenkai. Também realiza workshops no saguão da sede, onde recebe eventuais novos membros.

Figura 30 – Apresentação do Ren Taiko Recife no Bon Odori de 2022



Foto: Piera Gade Gusmão Carrazzoni, 2022

Os instrumentos, compostos por 10 *taiko* e uma flauta, ficam guardados em uma sala na sede da ACJR.

Figura 31 – Sala do Ren Taiko Recife na sede da ACJR



Foto: o autor, 2022

7.11 São João

O São João é uma festividade brasileira que ocorre em 24 de junho. Na ACJR, há uma mescla entre as tradições brasileiras próprias da época e a japonesa. O evento traz forró, quadrilha improvisada, comidas típicas e a fogueira ao mesmo tempo que há apresentações de grupos como o Ren Taiko Recife.

Figura 32 – Pôster do São João da ACJR



Fonte: @acjr_rec no *Instagram*

Figura 33 – Apresentação do Ren Taiko Recife no São João da ACJR



Foto: Piera Gade Gusmão Carrazzoni, 2019

7.12 Seinenkai

Seinenkai (青年会), palavra que se traduz como a Associação de Jovens, é um grupo atualmente extinto formado pelos jovens da Associação. Foi criado nos anos 90 durante uma época que grande parte da parcela jovem da comunidade estava indo como *dekassegui* ao Japão.

Houve a criação de um Estatuto para reger as atividades do grupo, baseado no Rengoku-kai da Bahia.

Figura 34 – Reunião do Seinenkai



Foto: Ricardo Mendes

Havia também um calendário anual de atividades do Seinenkai:

- 1: Shin'nenkai
- 2: Undoukai
- 3: Campeonato de Karaokê
- 4: São João
- 5: Seinenkai no Tsudoi (Encontro de Jovens)
- 6: Campeonato de Pesca
- 7: Noite do Japão (posteriormente a Feira Japonesa do Recife)
- 8: Akebonokai
- 9: Bounenkai

Figura 35 – Foto em grupo no Seinenkai no Tsudoi



Foto: Ricardo Mendes

7.13 Shin'nenkai

Shin'nenkai (新年会) é um evento interno de Ano Novo da associação, realizado em janeiro.

7.14 Soran

O Soran-bushi (ソーラン節), ou simplesmente Soran (ソーラン), é uma dança tradicional originada em Oshima, na região de Hokkaido, no Japão. Tem como modelo os pescadores de arenque da região que utilizavam a palavra “Soran” para ordenar a puxada da corda de rede de pesca. O arenque é um produto de extrema importância para Hokkaido, onde se pesca em torno de 100 toneladas perto da primavera.

Na ACJR, um grupo formado por membros do Seinenkai performava a dança do Soran na Feira Japonesa do Recife e no Bounenkai.

Figura 36 – Seinenkai dançando Soran na Feira Japonesa de 2007



Foto: Lika Hamamoto, 2007

Com a extinção do Seinenkai, atualmente não se performa a dança no Recife por parte da ACJR.

7.15 Temari

O temari (手毬), tem a tradução literal de “bola de mão”. De acordo com Associação de Ikebana do Brasil, é um formato de arte popular que se originou na China e passou para o Japão em torno do século VII. Os nobres japoneses utilizavam seda e pedaços de quimono, enquanto em seu país de origem era confeccionado com ervas e couro. No Japão atual, são feitos por mães para presentear as filhas no Ano Novo.

Figura 37 – Pôster *online* de workshop de temari



Fonte: perfil oficial da ACJR no *Facebook*, 2020

Na ACJR, as aulas de temari são realizadas aos sábados pela manhã em uma sala na sede.

Figura 38 – Sala de temari na sede da ACJR



Foto: o autor, 2020

As obras feitas são exibidas em eventos como a Feira Japonesa do Recife e o Bon Odori.

Figura 39 – Exibição do temari no Bon Odori de 2022



Foto: Piera Gade Gusmão Carrazzoni, 2022

7.16 Undoukai

Undoukai (運動会), é um evento esportivo popular no Japão. Teve origem como uma série de brincadeiras escolares em 1872, com atividades como cabo de guerra e barra bandeira. Atualmente, é realizado também em locais de trabalho e comunidades locais, tendo como principal característica a divisão de times em branco e vermelho.

Na comunidade pernambucana, esse evento é realizado desde 1995, geralmente no último domingo de fevereiro. Antes da construção da sede da ACJR, ele era realizado em locais como o Caxangá Golf & Country Club e no *campus* da Universidade Federal Rural de Pernambuco (URFPE).

Figura 40 – Pôster do Undoukai 2020



Fonte: @acjr_rec no Instagram, 2020

O evento tem início com o Radio Taisô (exercício de rádio), uma série de alongamentos rítmicos japoneses. Alguns idosos da comunidade se posicionam à frente para demonstrar cada exercício.

Figura 41 – Radio Taisô



Foto: Ricardo Mendes

Na entrada, é distribuído um panfleto com a programação do dia e as brincadeiras que serão realizadas. Um dos lados contém a versão em português enquanto o verso traz a versão em japonês.

Figura 42 – Programação em português do Undoukai de 2017

ASSOCIAÇÃO CULTURAL JAPONESA DO RECIFE
PROGRAMAÇÃO DO UNDOUKAI / 2017

♦ Cerimônia de Abertura às 08:00 hs.

MODALIDADE	PARTICIPANTES	No. PESSOAS	VEZES	PERCURSO	Pontos
01. Ginástica Rítmica	Todos		1	H	
02. Caça ao Tesouro	Crianças até 10 anos	100	1	G ~ H ~ I	40, 20, 10
03. Comida dos 50m	Crianças até 7 anos	10	4	B ~ C	40, 20, 10
04. Comida dos 100m	8 ~ 10 anos	10	4	A' ~ C'	40, 20, 10
	11 ~ 14 anos	10	4		40, 20, 10
	15 ~ 25 anos	10	4		40, 20, 10
	26 ~ 40 anos	10	4		40, 20, 10
	Acima de 41 anos	10	6		40, 20, 10
05. Comida do Caranguejo	Casais acima 10 anos	10 casais	4	G ~ I	40, 20, 10
06. Come-Come	Acima de 11 anos	12	5	A' ~ A ~ B ~ C	40, 20, 10
07. Pesca do Tesouro	Casados Acima de 55 anos	12	6	G ~ H ~ I	40, 20, 10
08. Revezamento Misto	6 ~ 16 anos	60 (15x4 Eq.)	1	E ~ B ~ E (1/2 volta)	40, 20, 10
	Acima de 16 anos	60 (15x4 Eq.)	1	B ~ B (1 volta)	40, 20, 10
09. Fazendo a Feira	Senhoras Casadas ou > 30A	12	6	A' ~ A ~ C	40, 20, 10
10. Caminho de Volta	Acima de 15 anos	60 (15x4 Eq.)	1	G ~ H ~ G	40, 20, 10
11. Comida de coelhos	Crianças até 14 anos	10	6		40, 20, 10
12. Marcha dos Condenados	Acima de 15 anos	40 (5x8 Eq.)	2	G ~ H ~ I	40, 20, 10
13. Fazendo a Faxina	Homens Casados	12	5	G ~ H ~ I	40, 20, 10
14. Roda Pneu	Crianças de 8~14 anos	60 (15x4 Eq.)	1	G ~ H	40, 20, 10
*15. Guerra de tinta	Acima de 15 anos	40 (20x2 Eq.)	1	G ~ I	40, 20
*15. Goleball	Acima de 60 anos	20 (5 x 4 Eq.)	1	Campo de goleball	40, 20
ALMOÇO (~12:00 hs.) * Evento que ocorrerá na hora do almoço					
16. Cestinha de Ouro	Crianças até 10 anos	100 (50x2 Eq.)	1	H	40, 20
17. Prova do Macaco	Acima de 15 anos	60 (15x4 Eq.)	1	G ~ H ~ G	40, 20, 10
18. Família Unida	Membros de uma família	50(5x10 Eq.)	2	G ~ H ~ I	40, 20, 10
19. Prova do Copo d'água	Casais acima de 65 anos e Crianças de 5 a 10 anos	20 casais(20x2 Eq.) 40 crianças(20x2 Eq.)	1	Entre H e B	40, 20,
20. Comida com Barra	Casais acima de 15 anos	56 (28x2 Eq.)	1	G ~ H ~ G	40, 20
21. Comida de Cálculo	8 ~ 12 anos	12	6	G ~ H ~ I	40, 20, 10
22. Passa Bola	Crianças até 7 anos	60 (30x2 Eq.)	1	H	40, 20
23. Catando Feijão	Senhoras Casadas	12	5	A ~ B ~ C	40, 20, 10
24. Comida de Obstáculos	Crianças de 8-14 anos	8	6	E ~ F ~ A ~ C	40, 20, 10
25. Comida dos 2000m	Acima dos 15 anos	40 (20x2 Eq.)	2	A ~ (H8 / M6) voltas	40, 20, 10
26. Cabo de Guerra	Crianças de 6-12 anos	40 (20x2 Eq.)	1	H	1500
	De 13 a 60 anos	40 (20x2 Eq.)	1		1500
27. Lança Ovo	Casais	30 Casais	1	H	40, 20, 10
28. Contagem dos Pontos	Proclamação da equipe vencedora (Branca ou Vermelha)				
29. Sorteio da Bike	Todo participante que estiver presente durante o sorteio				
Encerramento e Arrumação	Todos que Possam Colaborar				

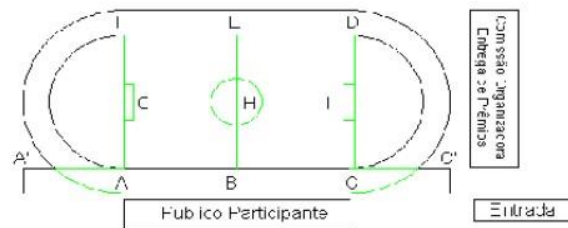


Foto: Eduardo Mitsuaki Nojima, 2017

Figura 43 – Undoukai realizado no Caxangá Golf & Country Club



Foto: Ricardo Mendes

Figura 44 – Undoukai realizado na sede da ACJR

Foto: ACJR

As imagens e informações disponíveis foram coletadas nas redes sociais oficiais da ACJR (*Instagram* e *Facebook*), visitas à sede, fotografias de indivíduos com relações com os grupos da comunidade. Tais resultados são, por consequência, majoritariamente visuais e, portanto, incompletos a pessoas leigas. Devido a isso, foram inseridas breves explicações gerais de cada grupo e evento com base em informações disponíveis em outras associações, como a Associação de Ikebana do Brasil, a União dos Clubes de Gueitebol do Brasil, e *sites* japoneses culturais como World Folksong e o dicionário Kotobank.

Tal necessidade demonstra a dispersão de informações relacionadas às atividades culturais da ACJR. Estas estão disponíveis em formatos de *posts*, *banners* em eventos, e nas explicações dos workshops. Uma alternativa seria preencher o *site* oficial da ACJR, atualmente vazio, com a história e atividades dos grupos como os de gateball, ikebana, temari e origami, assim divulgando e preservando seus conteúdos.

Tendo disponível um site para a associação, que tem o *link* nas *bio* das redes sociais oficiais ativas da ACJR, facilitaria a navegação de interessados até mesmo de fora da comunidade ou de outras comunidades do Brasil.

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho tinha como objetivo identificar a história da ACJR através de documentos escritos e relatos orais, destacar aspectos culturais da comunidade, e discutir sobre modelos de preservação de sua história e registros, assim refletido sobre a preservação de sua memória. Após aplicação da metodologia, é possível concluir que tais objetivos foram alcançados, ainda que em estados iniciais e experimentais, o que será explicado a seguir.

Observando-se a trajetória da ACJR desde a sua criação dentro da comunidade nipo-brasileira pernambucana, é possível apontar que seus meios de expressão se expande aos poucos do meio analógico ao digital. A associação posta conteúdos regularmente em redes sociais como *Instagram* e *Facebook*, este último desde 2013, e alguns grupos pertencentes, como o Ren Taiko Recife e a ELJR, também possuem contas próprias nas redes.

Ao mesmo tempo, ao se buscar a história da criação da ACJR, a documentação em posse da instituição é de certo modo incompleto. São registros em sua maioria pessoais, como os diários de Katsuzo Yamamoto, ou autopublicados como o registro da formação da Colônia Japonesa de Rio Bonito. A importância de tais documentos é inegável, tanto pela importância do indivíduo ou pela listagem dos imigrantes pioneiros, mas autores como Kurematsu são admitidamente parciais e limitados, como é possível observar em trechos como:

Jovem Japonês Incógnito. Incógnito porque não sabemos seu nome, nem sua história, senão o seguinte: nos fins da década 20 ou nos princípios da década 30, no bairro de Casa Amarela, no Recife, morava um jovem japonês, trabalhando na companhia inglesa *Pernambuco Power and Tramway Co. Ltd.* Era casado com uma moça daqui da região. Ele morreu cedo aqui mesmo, sem se saber de mais nada. Foi assim que Heiji Gemba nos relatou certo dia. (KUREMATSU; 1996, p. 27).

Isso não se configura como um problema, e sim como uma característica, fruto dos recursos limitados de pesquisa e obtenção da informação da época. Outro ponto é que Kurematsu e o registro da formação da Colônia Japonesa de Rio Bonito focam nos indivíduos: eventos ocorridos são uma parte dos imigrantes registrados e consequências de suas ações. Portanto, eventos como a participação de Heiji Gemba na organização da Associação dos Japoneses do Recife nada mais são que um pequeno pedaço da história do indivíduo, não ocupando mais que um parágrafo dentro do livro de Kurematsu.

Paralelamente, há a frustração de possuir informações e conhecimento não-registrados, que não é possível confirmar a veracidade ou continuidade por meio de documentos ou registros e que obtive por meios informais, como conversas ou fofocas. Não apenas sobre a ACJR, mas

sobre a comunidade nipo-brasileira recifense no geral, como histórias em relação ao Consulado ou histórias de imigrantes japoneses específicos que não estão mais entre nós.

O ideal seria unir esses pontos focais individuais e suas narrativas para formar o quadro maior da comunidade. No entanto, após mais de 50 anos da formação da Associação dos Japoneses do Recife, surge um novo problema, o falecimento dos indivíduos relacionados aos acontecimentos e a inexistência de registros focados nos eventos da época, como fotografias dos grupos ou das localidades.

Admitidamente, esta própria pesquisa é limitada e reflete a visão parcial do autor. Como descendente nipo-brasileiro e integrante dos eventos da ACJR, os fundamentos desta pesquisa são empíricos e dão formas a lembranças e histórias orais passadas de parentes e conhecidos. O número de fotografias foi limitado devido ao pouco acesso às fotos mais antigas e fora de redes sociais, e a inacessibilidade ao total acervo da comunidade. Expressões culturais extintas como o Seinenkai foram resgatados primariamente de memórias pessoais do autor, e depois postas para documentação com materiais majoritariamente visuais dos ex-integrantes do grupo.

Adicionalmente, grande parte dos resultados listados são expressões culturais que existem até os dias atuais e estão sendo cada vez mais registrados, ano após ano, nas redes sociais e em *sites*. As fotografias utilizadas são um clique da visão de diversos integrantes em igualmente diversas posições dentro da comunidade.

E assim se compôs a listagem de produções e grupos culturais da ACJR que foram registrados, tanto visualmente, como em pôsteres ou fotografias, oralmente, na memória dos membros da comunidade, ou de forma escrita em jornais e *blogs*, em algum momento de sua atividade. A influência do ambiente pernambucano se mostra em festas como o São João, que mescla ambas as identidades em uma festa tipicamente nordestina, e em localidades de eventos como a Feira Japonesa do Recife, realizada na Rua Bom Jesus no Recife Antigo.

Perante tais limitações nos documentos e registros existentes, tais simples cliques pessoais acabam por registrar eventos que podem não ser passados em sua completude, como a primeira apresentação do Gakudan Ren Recife Wadaiko em Bonito ou a participação do grupo no evento em comemoração do centenário da Amizade Brasil-Japão realizado no Aeroporto Internacional dos Guararapes. Essa união de paradigmas é um ponto a se buscar no futuro, e o ponto que mais prova o quão limitada é esta pesquisa.

Algo a se esperar de etapas futuras desta pesquisa e este tema são as novas peças a se encaixar neste início de um panorama. Novos relatos de membros da ACJR em relação à sua criação ou aos grupos e eventos existentes e extintos, novas interações de próximas gerações com o que vem sendo passado desde as gerações passadas. É uma atividade que sempre será

incompleta e procura resgatar até as mais supérfluas interações: a sugestão de uma intercambista que testemunhou um evento no bairro paulista da Liberdade tornou-se a Feira Japonesa do Recife, que vem sendo realizado desde 1997, e chega à sua vigésima sexta edição em 2022. Um jantar em homenagem aos idosos da comunidade formou o grupo do Akebonokai.

Os registros antigos encontram-se majoritariamente no meio analógico, e os mais recentes estão armazenados digitalmente. O ponto de chegada desta pesquisa, por ora, seria discutir tal situação e mesclá-las em seu desenvolvimento. Ela será guardada em meio digital, enquanto o físico também será disponível caso haja uma impressão do documento. É uma peça do panorama e uma parte do registro do que se tem até o ponto atual, pronta para ser resgatada e revisada ou desenvolvida.

REFERÊNCIAS

ACJR. Associação Cultural Japonesa do Recife. Página inicial. Disponível em: <https://www.acjr.com.br/>. Acesso em: 25 de out. de 2021.

ACJR. Obon – homenagem aos ancestrais. Recife, 5 de nov. de 2020. Facebook: <https://www.facebook.com/associacaoculturaljaponesadorecife/photos/pcb.1483640851830426/1483640755163769>. Acesso em: 19 de out. de 2022.

ALBERTI, V. **Manual de história oral**. 3.ed. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2005.

ASSOCIAÇÃO Cultural Japonesa de Recife – ACJR – Recife-PE. NIPPOBrasília, 2016. Disponível em: <https://www.nippobrasilia.com.br/associacao/associacao-cultural-japonesa-de-recife/>. Acesso em: 24 de set. de 2022.

ASSOCIAÇÃO IKEBANA DO BRASIL. Ikebana do Brasil. Origem da ikebana. Disponível em: <https://ikebana.org.br/secao-da-pagina-inicial/>. Acesso em: 20 de out. de 2022.

BRASIL. Decreto nº 2.489, de 31 de março de 1897. Manda executar o Tratado de Amizade, Comercio e Navegação celebrado entre o Brazil e o Japão em 5 de novembro de 1895. Capital Federal: Congresso Nacional, [1897]. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1824-1899/decreto-2489-31-marco-1897-541131-publicacaooriginal-43531-pe.html>. Acesso em: 18 de mai. de 2022.

BRASIL. Lei nº 97, de 5 de outubro de 1892. Permite livre entrada no territorio da Republica de immigrants de nacionalidade chinesa e japoneza. Capital Federal: Congresso Nacional, [1892]. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1824-1899/lei-97-5-outubro-1892-541345-publicacaooriginal-44841-pl.html>. Acesso em: 27 de set. de 2022.

CANUTO, Luiz Cláudio. Chegada dos imigrantes japoneses no navio Kasato Maru. Portal da Câmara dos Deputados. Disponível em: <https://www.camara.leg.br/radio/programas/462117-chegada-dos-imigrantes-japoneses-no-navio-kasato-maru/>. Acesso em: 21 de set. de 2022.

DANTAS, Rafael. Conexão Japão-Pernambuco. Algomais, 2019. Disponível em: <https://revista.algomais.com/conexao-japao-pernambuco/>. Acesso em: 25 de set. de 2022.

EM agosto, conheça o Esquadrão de Treinamento da Força de Autodefesa Marítima do Japão. Bunkyo, 2015. Disponível em: <https://www.bunkyo.org.br/br/2015/07/em-agosto-conheca-o-esquadrão-de-treinamento-da-força-de-autodefesa-maritima-do-japao/>. Acesso em: 19 de set. de 2022.

ESCRITÓRIO Consular do Japão em Recife – Embaixada do Japão no Brasil. NIPPOBrasília, 2016. Disponível em: <https://www.nippobrasilia.com.br/embaixadaconsulado/escritorio-consular-do-japao-em-recife/>. Acesso em: 24 de set. de 2022.

FJSP. Japan Foundation São Paulo, 2019. Exposição itinerante “O Poder do Shōjo Manga”. Disponível em: <https://fjsp.org.br/agenda/exposicao-itinerante-shojo-manga/>. Acesso em: 20 de out. de 2022.

GALANTE, Alexandre. Visita do Esquadrão de Treinamento da Marinha do Japão. Poder Naval, 2008. Disponível em: <https://www.naval.com.br/blog/2008/06/02/visita-do-esquadrao-de-treinamento-da-marinha-do-japao/>. Acesso em: 19 de set. de 2022.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2007.

HAGI, Cláudio. Wasaburo Otake – o primeiro japonês a morar no Brasil. Imigração Japonesa ao Brasil, 2016. Disponível em: <http://imigrantesjapao.blogspot.com/2016/06/wasaburo-otake-o-primeiro-japones-morar.html>. Acesso em: 27 de set. de 2022.

HALBWACHS, M. **A Memória Coletiva**. Trad. de Laurent Léon Schaffter. São Paulo: Revista dos Tribunais, c1990.

HARUTA, H. **Cinquenta anos no Brasil**. [s.l], [s.n], 2014.

HOMMA, AKO (ed.); NAKANO, Y (ed.); ISHIZUKA, Y (ed.). **Imigração Japonesa no Estado do Amazonas (1927 – 1942)**. Belém, 2021.

ISE, Sadatake. **Hoketsuki**. 1764. Disponível em: https://archive.wul.waseda.ac.jp/kosho/wa03/wa03_00247/wa03_00247.pdf. Acesso em: 27 de out. de 2022.

JAPAN EXPERIENCE. Japan Experience, 2013. Senbazuru One Thousand Cranes. Disponível em: <https://www.japan-experience.com/plan-your-trip/to-know/understanding-japan/senbazuru-one-thousand-cranes>. Acesso em: 20 de out. de 2022.

KOTOBANK. コトバンク. 日本大百科全書（ニッポニカ）「運動会」の解説. Disponível em: <https://kotobank.jp/word/%E9%81%8B%E5%8B%95%E4%BC%9A-167497>. Acesso em: 20 de out. de 2022.

KOTOBANK. コトバンク. 日本大百科全書（ニッポニカ）「カレー」の解説.

Disponível em: <https://kotobank.jp/word/%E3%82%AB%E3%83%AC%E3%83%BC-48011>. Acesso em: 20 de out. de 2022.

KOTOBANK. コトバンク. 日本大百科全書（ニッポニカ）「焼きそば」の解説.

Disponível em: <https://kotobank.jp/word/%E7%84%BC%E3%81%8D%E3%81%9D%E3%81%B0-1601790>. Acesso em: 20 de out. de 2022.

KOTOBANK. コトバンク. 精選版 日本国語大辞典「櫓・矢倉」の解説. Disponível em: <https://kotobank.jp/word/%E6%AB%93%E3%83%BB%E7%9F%A2%E5%80%89-400010>. Acesso em: 05 de nov. de 2022.

KUBOTA, Marília. Nikkeis em Pernambuco. Revista Memai, 2012. Disponível em: <https://revistamemai.wordpress.com/2012/04/23/10-imin-nikkeis-em-pernambuco/>. Acesso em: 12 de set. de 2022.

KUNSHOU (Condecorações). NIPPO, 2000. Disponível em: <https://www.nippo.com.br/culturatradicional/n079.php>. Acesso em: 28 de set. de 2022.

KUREMATSU, S. **Pré-História da Imigração Japonesa em Pernambuco**. 2.ed. Recife: Associação Cultural Brasil Japão, 1996.

LEGISLATIVO pernambucano reverencia Dia Nacional da Imigração Japonesa. ALEPE, 2018. Disponível em: <https://www.alepe.pe.gov.br/2018/06/26/legislativo-pernambucano-reverencia-dia-nacional-da-imigracao-japonesa/>. Acesso em: 10 de nov. de 2021.

LINHA do tempo do Coronavírus no Brasil. Sanar Saúde, 2020. Disponível em: <https://www.sanarmed.com/linha-do-tempo-do-coronavirus-no-brasil>. Acesso em: 27 de set. de 2022.

LINS, Letícia. Sessão Recife Nostalgia: Rua da Aurora, Sorveteria Gamba e Cine São Luís. Oxe Recife, 2021. Disponível em: <https://oxerecife.com.br/sessao-recife-nostalgia-a-gamba/>. Acesso em: 12 de set. de 2022.

LONE, S. **The Japanese Community in Brazil, 1908 – 1940: Between Samurai and Carnival**. Nova York: Palgrave, 2001.

MELO JÚNIOR, F. **Tenrikyo: vivência da salvação: um caso da igreja Tenrikyo Hoyo do Nordeste**. Monografia – Licenciatura em História, Universidade Federal de Pernambuco. Recife, p.99. 2019.

MINAYO, MC de S. **O desafio do conhecimento científico: pesquisa qualitativa em saúde**. 14.ed. São Paulo: Hucitec, 1993.

MINAYO, MC de S (org.). **Pesquisa social: Teoria, método e criatividade**. 21.ed. Petrópolis: Vozes, 1994.

RECIFE GEEK & MATSURI. Recife Geek & Matsuri, 2022. O evento. Disponível em: <https://recifegEEKmatsuri.com.br/o-evento/>. Acesso em: 20 de out. de 2022.

REN Taiko Recife – Recife-PE. NIPPOBrasília, 2017. Disponível em: <https://www.nippobrasilia.com.br/grupo-de-taiko/ren-taiko-recife-recife-pe/>. Acesso em: 13 de out. de 2022.

SAKAGUCHI, Shoji. Entrevista I [set.2022]. Entrevistadores: Liliana Amy Murakami Rodrigues da Silva, Hiroko Murakami. Recife, 2022. 1 arquivo. M4a. (91 min.). Os trechos utilizados da entrevista encontram-se transcritos no Anexo I.

SAKURAI, C. **Os Japoneses**. São Paulo: Contexto, 2007.

SILVA, José da. Esquadrão de Instrução japonês partindo de Recife. Poder Naval, 2015. Disponível em: <https://www.naval.com.br/blog/2015/08/02/esquadrao-de-instrucao-japones-partindo-de-recife/>. Acesso em: 19 de set. de 2022.

STEWART, Martha. DIY Projects and Crafts, 2019. Temari Balls. Disponível em: <https://www.marthastewart.com/271822/temari-balls>. Acesso em: 20 de out. de 2022.

UCGB. União dos Clubes de Gueitebol do Brasil. História do Gueitebol. Disponível em: <https://gateball.org.br/gueitebol/historia/>. Acesso em: 18 de out. de 2022.

UFPE. O LIKA. Sobre o Laboratório de Imunopatologia Keizo Asami. Disponível em: <https://www.ufpe.br/like/sobre>. Acesso em: 20 de nov. de 2021.

UNESP. Museu Escola Ensino Fundamental. Pequena história sobre ORIGAMI. Disponível em: https://www2.ibb.unesp.br/Museu_Escola/Ensino_Fundamental/Origami/Documentos/indice_origami.htm. Acesso em: 20 de out. de 2022.

VISITA da Esquadra de Treinamento da Força Marítima de Autodefesa do Japão ao Recife. Embaixada do Japão no Brasil, 2015. Disponível em: < https://www.br.emb-japan.go.jp/itpr_ja/00_000052.html>. Acesso em: 23 de set. de 2022.

YAMAMOTO, K. ブラジルと四十六年. São Paulo: Revista Aurora, 1978.

YOSAKOI SORAN FESTIVAL ORGANIZING COMITEE. Yosakoi Soran Festival, 2021. Página inicial. Disponível em: <https://www.yosakoi-soran.jp/en/>. Acesso em: 19 de nov. de 2021.

ソーラン節 歌詞の意味 ヤーレンソーラン. 世界の民謡・童謡. Disponível em: <https://www.worldfolksong.com/songbook/japan/solan.htm>. Acesso em: 14 de out. de 2022.

ANEXO I

TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA COM O EX-PRESIDENTE DA ACJR, SHOJI SAKAGUCHI

Legenda:

Sakaguchi/ 坂口 (坂)

Entrevistador/ インタビュアー (イ 1)

Entrevistador 2/ インタビュアー 2 (イ 2)

(イ 1) : はい、ありがとうございます。そして、えっとですね。まあ、そのコミュニティはえっとですね会館がありますけど、なんかその前までの歴史とか...

(坂) : うんだから、一番初めね。ここにねあのう、古くから住んでられたねもう戦争前からね、玄場さんって、玄場平治さんという人がいるの。それで、これソルベッティ (Sorvete) ですね、あの川、川じゃない...

(イ 2) : Rua da Aurora の街のほうのね。あるある。

(坂) : そうそう街のね。あそこにね、今でも建物が建っているけどね、玄場さんの家はねあれは壊せないの。歴史のあれで、保存しなくちゃいけないの。そいで結局そのころから、商売はあのう下火になっちゃたけどね。私が来た頃は、ここに着いた頃は、まだ、ゲンバ「ソルベッテアリア・ゲンバ」って言ったら有名だったの。その人がね一番古いの。でその他に樽松さんね。とか佐藤さんって、あのうニチレイがここにあったでしょ。

(イ 2) : ニチレイね。

(坂) : あのまぐろを捕りに行く

(イ 2) : あー、あの当時。

(坂) : あの基地がここにあったの。その時に佐藤さんというまあ戦前からいた人が。そのまあ顧問みたいな形で。こちらで会社を経営してたの。そういう形でまあ、その私が知っている限りではこの三人とそいから、白川さんね、やっぱり戦前からいた。あのう、山崎って知っている？

(イ2) : 名前はね、聞いたことはありますが、おぼえてないです。

(坂) : 山崎って言ったら戦後來たあれだけどね。その、山崎、え一っと、名前ちょっとあれだけどね。とそれから平、平川さんだったかな、その人の娘を貰ったのかな。その子供たちが今どこにいるか知らないけどね。だから、大体ね、戦前からいた人で、まあ、あれ知っているのは玄場さん、それから樽松さん、それから、佐藤さん。それから、平川さんね。私が知ってるのはもうこの4家族ぐらいかね。もう、1920ぐらいね、それでその後に、ここの領事館ができたわけよ。領事館はズーと後。だからね領事館が出来たのはいつだったかな、

(イ2) : それは、戦前ですか。戦後ですか、領事館が出来たのは。

(坂) : うーん、もう戦後、戦後。

だから、うーんとね、一々計算しないとわかんないんだけど。まあ、でも領事館が出来たのは、まあ、領事館に電話入れてさ、

(イ2) : もう領事館の歴史ね。

(坂) : 聞いてちょうだい、領事館がいつ出来たかね。ほいで総領事、初代の総領事はね、もうほんと、名前も忘れちゃってるんだけどね。え一と、サトウ、サイトウ...じゃないな。

(イ2) : まだ街の真ん中だった頃でしょ、領事館が？

(坂) : そうそう。街のね、あれどこにあったかな、領事館は。

(イ 2) : あのう Dantas Barretos の確か州官邸を入ったところだったから、名まえは忘れたけど。街の中のなんかビルの中にあったのは記憶にあるんですよ。

(坂) : あ、それはね。

(イ 2) : あれは後ですか。

(坂) : Dantas Barreto ね。あれはね、もう何代目かな。もう随分後なんですよ。

(イ 2) : あっ、そうなんですか。

(坂) : えーとね。古いのはね、あのう Clube Português ね。

(イ 2) : あります。

(坂) : うん、あれの横っちょに一軒家があったよね。

(イ 2) : あーありました、ありました。

(坂) : あれも、古いんですよね。それでね、その次辺りが Casa Forte の方にあった。あのう Clube Alemão の。

(イ 2) : その前に、たしか、Sport の近くにもあったはず、公邸は。Sport の近くの

(坂) : うーん、Spor にあった。そうそう。

(イ2) : 裏の川通りで、なんか一軒家で。なんか周りにね、ビルに囲まれていけないから、そう、だからもう、Casa Forte に変った。

(坂) : そいから、ちょっと今どこって言えないんだけど、その Clube Português のあたりに。Clube Português の方が古いのかな。

(イ2) : そう、古い。

(坂) : それでこっちにね。あのうこっちにも。でもそのまえにもなんかあったのよ。だからね、まあ領事館がね、その玄場さんがね後にね、もう色んなことがあった。日付はわからない。

それでね、領事館が出来て、しばらくしたあとに、まあその時はあのう日本人会も私の時のような日本人会は何もなかったの。だけどまあ、「ゲンバさん、ゲンバさん」ってね、みんなあれしてたからね。それで、日本人会が出来るきっかけはね。あのう日本の練習艦隊。

(イ2) : あー練習艦隊、

(坂) : あれが来るってことでね

(イ2) : はい

(坂) : あれは4年に一回来ってたでしょ。

(イ2) : はい、来てました、はい、はい。

（坂）：で、その練習艦隊が来るということで、やっぱり、あのう歓迎会やんなくちゃいけないじゃない。それで急遽、日本人会を作るっていうことになったから、出来たの。

だから、そんときの初代の会長が玄場平治さん、ね、玄場さん。そいで歓迎会。だけど、まだ会までいってなかったのね。けどまあ、名前だけは日本人会長ということで、まあ、会長がゲンバさんで、樽松さんとか何人かがなったんだと思う。まあ、その時私も若かったしかその程度かな。そんで、いわゆる日本人会が出来たのね。それでその出来たけど、別に何もしない。で、玄場さんも何にもしないし、でむやむやと無くなりそうなときに、二回目の練習艦隊が来ることになったの。

ー4年に一遍だから。でそんな時になんとかしなくちゃいけないということで、その事業団が。その当時は移住事業団。という名前だったの。その所長が、そのなんとかしなきゃ。確かその時は竹野さんっていう事業団のね。まあその竹野さんが音頭を取って、総領事となんか話なんかして、いわゆる佐渡金の社長。佐渡欽電球、だったかな。まあ正式な名前はあまり知らないけど。まあ正式な名前が必要だった領事館に確認を取ってもらって、ちゃんと当時の書類が残っているはずだからね。その佐渡金の社長の、あのうなんだっけ、初代．．．山本勝三さん。この人がなったのが、1972年。何月かはわすれたけどね。山本勝三さんが初代の会長になって、正式な日本人会。いわゆるカルトール（Cartório）にレジストール（Registro）してね。ちゃんとした定款も作ってね。やっぱり山本勝三さんって、もう戦前からきてた方だからね。この人がちゃんと自分の印鑑もあれして、そのころに、だから、そんときに役員になった人達は皆若い人なの。

もう年寄は全然受け付けなかったの。まあ、年寄なんかはどうせ仕事は全然できないし、若いもん達だから。でも日本人の社会ってやっぱり年寄りがいるわけじゃない。

（イ2）：そうですね。

（坂）：もう大変だったね。二つにこんなになってね。そんでその急先鋒が、金子まつたかさんってね、あのう道子の姉のおじさんになるのかな。こっちの金子さん

とね。この人がやったからね。それで、ボニートの人たちもホントは入りたかったけどねちょっと…。で役員になったのは脇山さんとか、浜本とか、それから、こないだ亡くなった小室さんとか、そいからまあサトキンに勤めていた、名まえが今ででこないけど。サトキンのまああの勝三さんの師匠をやってた人ね。まあこんな。あの当時、皆まだ二十歳代よ。

(イ2) : えっ、そうなんですか。

(坂) : 二十歳代だね。二十歳から、うーん、三十越すか越さないかぐらいのもんが役員となって、そんでこの会が始まったの。二年間となって、一期二年となって始めたのね。だからね、だからそんな時私なんか。いや、その前の玄場さんが、会長になった第一回の練習艦隊をね、やっぱり、あのうパーティー開かないといかんでしょ。歓迎会やないとね。そのお金が必要なんで。変な話、私の月給のね半分。大きかったよ。まあ Solteiro (独身) だから出来たんだけど。あの事業団の職員は皆ソウテイロ (独身) だったのね。そんな時みんな、「お前たち、皆寄付しろ。」ってね。

月給よ、月給の半分持って行かれたの。そいで第一回の歓迎会をやったわけよ。で、第一回の歓迎会はあのう、ねっ玄場さんがね。で、そのあと二回は、今言ったように正規が、今の日本人会が出来たの。でそれが今言った1972年。そいでこれが始まったわけよ。

だから、しばらくはこの地区の日本人と日本人会はあんまり、よくなかったの。まあ、それは余計なことだけどね。…そいで会はね、二回目、二代、まあ、二期、二期でやっていくんだけど。二代目が石神さん。

だから、練習艦隊を、最初が72年ね。それで、74年から6年、確か山本勝三さんの時、練習艦隊は、… だから、玄場さんの時もやってるね。練習艦隊を受け入れる為だけの日本人会だったの。

だから、あのう山本勝三さんの時代にも二回しているね。そいから、二代目の石神さんの時代にも。石神さんも二期やってるからね。それから、脇山さんね。脇山さんは二期やってんのよ、二期じゃない、三期やってるからね。確か脇山さんの時代

にね。。私が三期やってるからね、二回から、三回かな。まあ、ちょうどわからないけど。二回は覚えてるんだけどね。

（イ１）：あの艦隊というのは...

（イ２）：自衛隊

（坂）：自衛隊の練習

（イ１）：子供たちがよく花束を

（イ２）：そうそう、よくおぼえてたね。

（イ１）：私もいった覚えはあります。

（坂）：そうそう、皆並んでね。デッキのところで。そのために会は作ったの。

（イ１）：あーなるほど。

（坂）：そのための会だからね、勝三さんはね、別に日本人会のなにもしなかったし。それから二代目の石神さんも何にもする人じゃなかったね。そいで、脇山さんが会長になったでしょ？で、こんときにね、いたのよ、もう一人戦前の人でね、二世でね。この人がホントは会長やりたかったんだけどね。まあ、日本人会の困った連中がね。あれ、福島さん。福島さんのお兄さんがね。なかなかうるさい人だったよね。そいでその、その人になったら困るってんで、私んところにきたわけよ。で、「あとう、文協の会長になれ」ってね、だけど、私は事業団の職員でしょ。やっぱり上にね *cabeça* がきいて自分じゃ動けないでしょ。俺じゃできないって。それで、脇山さんに頼みなさいって。脇山さんはあとう、National のね

(イ2) : そうそう、National ね

(坂) : だから、あの人が Chefe (上司) だからね、自分で動けるから、やったらいいよと、頼んだらいいよと。で頼みにいって来て、会長になったの。その代わり、私に副会長をやれつつって、私が副会長になったの。で結局6年間、三期やったでしょ。で、三期やって、やった、だから脇山さんの回から、運動会、

(イ2) : あーなるほど

(坂) : うん。

(イ1) : えっと、運動会は、

(坂) : その前の石神さんの時は、確かやってないはずよ。だからやっぱり「運動会、やろ、やろ」ってことで、学校を借りてね。学校の運動場。あのういくつかの学校に頼んでね、あのう空いている所で運動会やったでしょ。

(イ1) : 最初の運動会ってどこで行われたんですか。

(坂) : だからね、最初は僕も覚えてないな。

(イ2) : もう昔だもんね。

(坂) : いくつかあるんだよね。

(イ2) : むかーしの方はね、あのうフラウ (UFRPE-ペルナンブコ連邦農業大学) とか、街の Escola Técnica (職業学校) の運動場借りたりのは記憶にあるのよ。

(坂) : あの Dois Irmãos のあそこ

(イ 2) : そうそう、Dois Irmãos のね。あの広いグラウンドを

(坂) : あそこも借りたね。あの、玄場さんの家の近くのね。なんて言ったかね。

(坂) : ゴルフ場でも何回かした

(イ 2) : ゴルフ場は、二回か三回した。だから、ゴルフ場が結局最後。でいくつか、借りながらやってたね。

(イ 1) : やっぱり、運動会はなんか日本人会としての活動としてやられてたんですか。これは、脇山さんはどういう考えでやったんですか。

(坂) : やっぱり、日本人ってのはね、あのう、運動会というのは、日本人は好きなんだよね。日本人会っていったら運動会って。よその地区でもみんなそんなあれがあるの。うん、なんかやろうかってなると、「じゃ、運動会」になるの。

(イ 2) : じゃ運動会って。

(坂) : それで、転々としながらやって。だから、脇山さんの会長の時には、まだ私が山の上にいたからね。それから、しばらくしてからここに引っ越して来て。それで、いわゆる、あのう日本人会の催し物、まあ家のサロンでやるようになった。

(イ 2) : ここでね。

(坂) : うん、ここでね。だから、私の代では、あのう、マルコス・マシエルって

(イ2) : はい、マルコス・マシエルって知っています。背の高い人でしたよね。知ってます。

(坂) : 背の高い人ね。あの人呼んで。餅つきをしたね。

(イ2) : そうそう、したね、

(坂) : その次が、餅つきが初めて。その次が七夕様だったかな。

(イ2) : 七夕だったと思うね。

(イ1) : 餅つきというのは正月？

(坂) : 七夕まつりってね。やっぱり七夕祭りっていうと仙台のが有名でしょ？ だからそのああいう飾りを作ろうって、このサロンにね、ロープで。

(イ2) : いっぱいね、やったね。

(坂) : だから、ゲンバさんの所から、このくらいの竹を取って来てね。ほいでね。ほら、今領事館にいる中村さと子さん。あの人が事業団の事務員で日本から2年でやってくれたのかな。その時に彼女がたまたま、サンパウロにあのう、まあ、いわゆる、来ているボランティアの青年たちが集まる会合に行ってきたのね。で、それじゃアプロベイタ（利用して）してあのう、仙台のね、あのう、というか仙台の宮城県の、宮城県人会を訪ねて頂戴って頼んだわけよ。それで、あのうあれを作るのを、ちょっと教わって来て、七夕の時やりたいからって。彼女が行ってくれてね。で、そんであのう、作る。私はね。会員の奥さんや若いものを集めてね作ってもらおうと思ったのよ。だ一れも協力してくれない。で彼女が一人で作ったのよ。

(イ1) : ヘーすごい。

(坂) : まあ、彼女はよくやってくれた。それで、あの七夕祭りやって。その時に、ここの市長やってたかな、

(イ2) : Francisco..

(坂) : 市長だったかな

(イ2) : ね、初め市長だったかな、何回か州知事もやって、

(坂) : やったよね。だから一番初めは、マルコス・マシエル、そいから、もう一人、もう一回やってる私。餅つきと...五月の節句「こいのぼり」も。
あそこにね、鯉のぼりの立てて。あんときも呼んだのよ、誰かね。
そいで、来てくれたよね。で、そんなん、皆がね集まるようになったのよ。うん、確か、三回やったのよ。

(イ2) : そう確か、マルコス・マシエルと、フランシスコだったのか

(坂) : フランシスコって名前だけは憶えている。

(イ2) : ね、

(坂) : まあ、その辺はね。また。

...

(イ1) : あと「曙会」の名前の由来は？

(坂)：曙会はね、途中でね、やっぱりなんか名前つけなきゃということでね。

(イ2)：老人会じゃね

(坂)：あれはね、岩田さんがね老人会の会長になった時、その時に付けた名前。

で曙会ってね、あのう、亀岡さんの話では、「俺がつけたんだ」曙がいいといったとか。まあ、それでもいいかな。

年寄りばかり集まっても仕方ない。